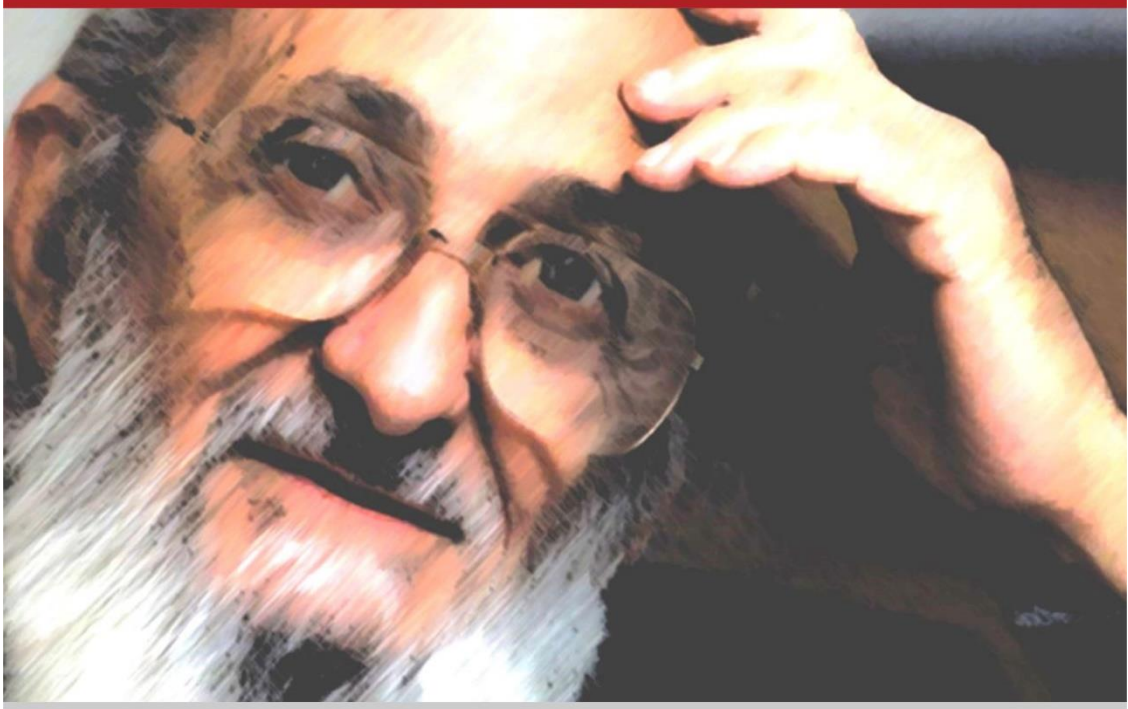
CADERNO DE RESUMOS

III SEMINÁRIO TEMÁTICO do GT EDUCAÇÃO POPULAR/ANPEd



50 anos da PEDAGOGIA do OPRIMIDO

atualidade e desafios do pensamento freiriano

24 e 25 de setembro de 2018
Faculdade de Educação - UFF
(Campus do Gragoatá)
Niterói-RJ

anped · FAPERJ Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro · uff Universidade Federal Fluminense · proppi uff Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação · UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro · Faculdade de Formação de Professores UERJ

Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal Fluminense · GEPAEP Grupo de Estudo e Pesquisas sobre Avaliação na Escola Pública http://www.avaliacaoalfa.uff.br

PPGedu processos formativos e desigualdades sociais · vozes da educação

Apresentação

O GT Educação Popular da ANPEd tem se caracterizado por encontros fraternos onde a produção e a partilha dos conhecimentos são animadas pela amorosidade freireana. A alegria e a fertilidade de nossos encontros nos fizeram buscar formas para ampliar nossos diálogos e fortalecer as nossas lutas, para além das Reuniões Nacionais da ANPEd.

Assim surgiram os Seminários Temáticos, agora em sua 3ª edição. Oportunidades para estreitar laços e lançar novos fios, convites para muitas conversas.

Este caderno se constitui em uma coletânea dos resumos expandidos que farão parte das rodas de conversa do III Seminário Temático do GT Educação Popular da ANPed - 50 anos da Pedagogia do Oprimido: atualidade e desafios do pensamento freiriano.

Tem como intuito compartilhar os resumos recebidos, dando acesso a sua leitura a todos os participantes do evento, contribuindo, assim, com as conversas de cada um dos grupos e com a ampliação dos diálogos tecidos intergrupos, se abrindo a movimentos futuros.

Agradecemos a generosidade da partilha.

Comissão Organizadora

R E S E N H A S O B R E O E V E N T O

Dedo-corpo

(Juliana Granato)

Faço Teatro. E o Teatro me faz.

Sou um novo organismo no corpo teatral

Se pudesse escolher, seria um dedo

Pois o dedo oculta, revela, destrói e constrói

A expressão de um dedo mudo e cego, que cala e cega

Na aula de Teatro, meu professor quis esquartejar membros

Quis desmembrar o ombro teatral do braço político e eu me vi um dedo pendurado

Meu professor queria fazer Teatro!

Saiu o primeiro texto que vamos decorar

Um casal: uma mulher que é agredida por um homem

E junto saiu o texto corpo da cena viva

Um professor: um homem, que provavelmente calará a mim, uma mulher

Porque serei um dedo no corpo do Teatro que nem destrói, nem constrói, mas desconstrói

E mais dedos políticos se unem contra um anel estrangulador

Formam um corpo forte, não para que o oprimido se torne o opressor

Mas para calar a voz de corpos que vivem para fazer da arte um lugar libertador

Das amarras que prendem o pobre

Dos olhares que perseguem o negro

Do lugar que colocaram a mulher

Da crueldade contra a criança

Do pecado que acusa os gêneros e identificações sexuais

Da invisibilidade do povo indígena

Da negligência do povo das ruas

Do desrespeito ao idoso

Da desvalorização do professor

Do descuido com a natureza

Diante da dura realidade

Faço arte. Façamos arte. E a arte nos fará mais humanos

Índice

Textos	Pág.
Grupo 1	
"Mediações pedagógicas e cidadania": sobre a construção de um lugar de estudo em educação popular - Autor: Danilo Streck (UNISINOS)	06
Educação Popular e pesquisa: diálogos possíveis entre a universidade e a escola pública - Autor@s: Maria Teresa Esteban (Faculdade de Educação/UFF); Ana Lúcia T. Shilke (FME/NITERÓI); Bruna de S. Fabricante Pina (CPII); Fabiana Eckhardt (UCP); Ticyane Madeira Cavalcanti (GEPAEP); Elder dos Santos Azevedo (SME/Duque de Caxias); Aline Bernar (GEPAEP); Leonardo Baptista de Sales da Silva (GEPAEP)	08
Trajetórias de jovens de origem popular e sentidos de pertencimento nos espaços educativos: diálogos com a escola, socioeducação e universidade - Autor@s: Elaine F. R. de Oliveira (UERJ/FFP); Marcelo D. de Morais (UERJ/FFP); Patrícia Elaine P. dos Santos (UERJ/FFP).....	10
Educação Popular e Educação Sociocomunitária: intersecções e perspectivas - Autoras: Valéria Oliveira de Vasconcelos (UNISAL); Fabiana Rodrigues de Sousa (UNISAL).....	12
As vozes da juventude - Autor@s: Reinaldo Matias Fleuri (UNIRIO); Marta Olmo Extremera (UNIRIO)	14
Grupo 2	
Diálogos sobre políticas públicas e Educação de Jovens e Adultos trabalhadores na perspectiva da Educação Popular - Autor@s: Marcia Soares de Alvarenga (FFP/UERJ- PPGEdu/Vozes da Educação); Adalberto de Moraes Gomes Filho (FFP/UERJ-PPGEdu; SME Niterói/Vozes da Educação); Ana Carolina Cruz (FFP/UERJ/Vozes da Educação); Antonio Borromeu (FFP/UERJ-PPGEdu e IFMT/Vozes da Educação); Emanoel Carlos Daflon da Silva (FFP/UERJ/Vozes da Educação); Grasiele Ribeiro (FFP-UERJ-PPGEDu); Guilherme Figueiredo de Souza (FFP/UERJ-PIBIC/CNPq//Vozes da Educação); Juliana Oliveira Galvão (FFP/UERJ/Vozes da Educação); Lohana Antunes (FFP/UERJ/Vozes da Educação); Tamyres Athayde Buckzinski (FFP/UERJ/Vozes da Educação); Thais Alves de Souza (FFP/UERJ-PIBIC/CNPq/Vozes da Educação); Thiago Dutra (FFP/UERJ/Vozes da Educação)	16
A participação como princípio pedagógico e investigativo na elaboração do atlas geográfico escolar municipal - Autor@s: Sandro de Castro Pitano **(**Universidade Federal de Pelotas**)**; Rosa Elena Noal (Universidade Federal de Pelotas)	19
"*Encontro de saberes": epistemologias de fronteira na formação acadêmica* - Autoras: Elaine Monteiro (FEUFF); Lucia Cavalieri (FEUFF)	21

A prática da extensão popular em educação ambiental e a formação de educadoras/es ambientais - Autor: Tiago Zanquêta de Souza (UFSCar/Uniube) 23

Grupo 3

GEFEL: a luta pelo direito de autoria no exercício da docência - Autor@s: Margarida dos Santos (CAp-ISERJ/CAp-UERJ); Ana Paula Venâncio (CAp-ISERJ); Daniel Oliveira (SME-RJ); Joana Braz; Marlucia da Costa (SME– Belford Roxo); Sabrina Guedes (SME-RJ); Zilda Chaves (CAp-ISERJ); Renata Alves (CApISERJ) 25

Educação, trabalho associado e (des)colonialidade: estudo das experiências do Centro de Formação e Apoio a Assessoria Técnica em Economia Solidária da Região Sul do Brasil (CFES Regional Sul) - Autor@s: Telmo Adams (PPGEdu – UNISINOS); Luciane R. F. Pielke (PPGEdu – UNISINOS) 27

A influência da Educação Popular nos processos formativos da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP - Autor: Carlos César de Oliveira (FFP/UERJ) 29

REDEALE e formação entre pares: interlocuções com rede e coletivos docentes da américa latina - Autoras: Mairce da Silva Araujo (FFP-UERJ/REDEALE); Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (FFP-UERJ/REDEALE) 31

Grupo 4

D*iálogos noturnos na UERJ-FFP: encontros e desencontros de pesquisas envolvendo infância(s), Paulo Freire e o direito à educação emancipatória* - Autoras: Adrielle Lisboa (FFP-UERJ); Débora Assumpção dos Santos Rodrigues (FFP-UERJ) Heloisa Josiele Santos Carreiro (FFP-UERJ); Keila Maria de Araujo Silva (FFP-UERJ); Maria Tereza Goudard Tavares (FFP-UERJ) 33

Grupo de pesquisa práticas sociais e processos educativos - Autoras: Maria Waldenez de Oliveira (UFSCar); Valéria Oliveira Vasconcelos (UNISAL); Fabiana Rodrigues de Sousa (UNISAL/UFSCar); Luciana Cristina Godoy Zotelli (UNISAL/UFSCar); Tiago Zanquêta de Souza (UNIUBE/UFSCar) 35

(Des)colonialidade do ser/poder/saber na pedagogia da alternância: sistematização de uma experiência - Autora: Cheron Zanini Moretti (Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC) 37

Liberdade e libertação - Autoras: Kelma F. Beltrão de Souza (Faculdades I. de Vitória de Santo Antão/PE e UFPE); Maria Helena M. de Albuquerque (Prefeitura do Recife/ Universidade A. de Assunción) 39

“MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS E CIDADANIA”:

Sobre a construção de um lugar de estudo em educação popular

Danilo R. Streck (Unisinos)

dstreck@unisinos.br streckdr@gmail.com

O grupo de pesquisa “Mediações pedagógicas e cidadania”, registrado na plataforma do CNPq desde o ano 2000, teve sua origem em pesquisas no Orçamento Participativo (OP) no Estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 1999 e 2002, período quando também foram realizados os primeiros Fóruns Sociais Mundiais em Porto Alegre. Foi uma forma de aproximar o que nós - Edla Eggert, Emil Sobottka e eu - buscávamos compreender no OP (como forma de administração pública, como espaço de participação popular de vários segmentos da sociedade, como lugar aprendizagem e exercício de cidadania). As mediações pedagógicas – mesmo que implicitamente - eram entendidas na perspectiva da educação popular, considerando que o OP em Porto Alegre e no RS teve uma forte presença dos movimentos sociais e organizações populares. E por cidadania se compreendia a participação movida pelo desejo de tornar a sociedade um lugar melhor para todos, abrangendo as dimensões do indivíduo, das organizações/instituições e do estado. Com o tempo novas perspectivas e novos temas foram sendo integrados ao grupo, constituindo hoje um lugar de estudos de educação popular com várias frentes ou vários movimentos, uma espécie de plataforma com limites flexíveis. Alguns dos eixos e temas que foram se consolidando foram os seguintes: 1) a participação como um princípio político, pedagógico e metodológico; 2) a (re)construção do pensamento pedagógico latino-americano com a “escavação” de fontes de diversas vertentes; 3) a figura e obra de Paulo Freire como uma referência básica, que permite a mobilidade horizontal (para outros autores) e vertical (para aprofundamentos temáticos); 4) a construção de um pensamento internacional crítico e cosmopolita. Em cada um desses eixos ou temas docentes-pesquisadores, doutorandos, mestrandos e bolsistas de iniciação científica foram construindo caminhos próprios a tal ponto que a pergunta, hoje, é se a plataforma está sendo alargada ou se novas plataformas estão sendo criadas formando redes e entrando em novas configurações de redes. Com o relato da experiência do grupo de pesquisa tenho a intenção de contribuir 1) para refletir sobre a relevância (ou não) de

agendas coletivas de pesquisa em educação popular; b) para ter uma melhor percepção dos desafios atuais a partir de onde saímos, individualmente, como grupos e eventualmente como GT.

Palavras-chave: Mediações pedagógicas; Cidadania; Pesquisa.

EDUCAÇÃO POPULAR E PESQUISA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE A UNIVERSIDADE E A ESCOLA PÚBLICA

Maria Teresa Esteban – Faculdade de Educação/UFF
mtesteban@uol.com.br
Ana Lúcia T. Shilke - FME/NITERÓI
anaschilke@gmail.com
Bruna de S. Fabricante Pina/CPII
brunadesouzafabri@gmail.com
Fabiana Eckhardt-UCP
fa.eckhardt@ucp.br
Ticyane Madeira Cavalcanti - GEPAEP
ticyanemadeira@gmail.com
Elder dos Santos Azevedo – SME/Duque de Caxias
eldersazevedo@gmail.com
Aline Bernar-GEPAEP
alinebernar@yahoo.com.br
Leonardo Baptista de Sales da Silva-GEPAEP
leonarbobssilva@yahoo.com.br

O Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Avaliação na Escola Pública (GEPAEP), vinculado à linha de pesquisa Estudos do Cotidiano da Educação Popular, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, e ao Laboratório GRUPALFA, focaliza seus estudos e pesquisas em torno de: avaliação para as aprendizagens, formação de professor@s para a educação das infâncias (0 a 10 anos) das classes populares nas escolas públicas e movimentos de participação das crianças, das professoras e das famílias no cotidiano das escolas de modo que elas se tornem cada vez mais democráticas. Nesse contexto, abarcamos diferentes pesquisas com o objetivo de estabelecer um diálogo na perspectiva freireana entre Universidade e Escola Básica. Nesse sentido, os estudos e pesquisas são produzidos em parceria com escolas das redes municipais de Duque de Caxias, Niterói, Petrópolis e Paraíba do Sul, localizadas no estado do Rio de Janeiro. Os núcleos dos trabalhos são os acontecimentos, criações, práticas pedagógicas presente no cotidiano das escolas públicas em favor das classes populares. As pesquisas desenvolvidas se organizam em diferentes frentes e buscam compreender como a escola

pública nos últimos anos tem (in)visibilizado os saberes das classes populares Nesse processo dialógico da/na pesquisa investigamos de que maneiras a participação é compreendida e tratada nas escolas e, em especial, o que as crianças têm a nos dizer sobre os processos de escolarização vividos por elas. Assim, o diálogo tem sido um dos princípios metodológicos das pesquisas, pois o consideramos indispensável para favorecer a partilha e a produção coletiva de conhecimentos, compreendendo-o como um ato criativo, através do qual podemos juntos pronunciar o mundo. Assumindo, portanto o compromisso com a aprendizagem das crianças das classes populares e com a escola pública democrática e popular. As relações entre colonialidades e educação popular se tornam evidentes uma vez que os sujeitos buscam modos astuciosos de fragmentar e romper com a herança colonial presente em nossas sociedade e escolas e, nesse sentido, a educação popular tem nos oferecido caminhos para pensarmos uma educação outra para as infâncias com efetiva participação dos sujeitos da comunidade escolar.

Palavras-chave: Diálogo; Educação Popular; Cotidiano escolar.

TRAJETÓRIAS DE JOVENS DE ORIGEM POPULAR E SENTIDOS DE PERTENCIMENTO NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS: DIÁLOGOS COM A ESCOLA, SOCIOEDUCAÇÃO E UNIVERSIDADE

Elaine F. R. de Oliveira – UERJ/FFP

oliveiraelaine1@gmail.com

Marcelo D. de Morais – UERJ/FFP

marcelojdmoraes@hotmail.com

Patrícia Elaine P. dos Santos – UERJ/FFP

patepsantos@gmail.com

O projeto de pesquisa e extensão “Trajetórias de jovens de origem popular e sentidos de pertencimento nos espaços educativos: diálogos com a escola, socioeducação e universidade”, foi registrado na SR3 da UERJ, desde 2017 e tem sido realizado por meio da ação de três professorxs do Departamento de educação e a colaboração de dois professores do Departamento de Geografia, todos da Faculdade de Formação de professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- FFP/UERJ. Contamos ainda com a participação de 09 alunxs/orientandxs, de diferentes departamentos da Faculdade, 01 aluno do doutorado em educação da Universidade Federal Fluminense, membros dos movimentos sociais, professorxs, animadorxs culturais e estudantes de escolas públicas e privadas, que atuam junto as juventudes do município de São Gonçalo. Este projeto visa investigar a relação dos jovens, especialmente de origem popular, com a os espaços educativos considerados locais dos conhecimentos legítimos e legitimados por todos nós. Ao trazer a especificidade do caráter educativo, trataremos de questões que tangenciam o conhecimento apropriados dos sentidos de "educação". Mais precisamente, os sentidos que os jovens atribuem na relação com os espaços que se apropria de um projeto complexo de humanização. Não temos a pretensão de realizar uma investigação partindo do pressuposto de criar um binômio e identificar que é bom ou ruim nos espaços educativos. A ideia que parece interessante é a de acompanhar como os jovens diante das suas diferentes trajetórias de vida, vão construindo estratégias (ou não) para estabelecerem uma relação de pertencimento com esses lugares. Cabe ressaltar, a

importância do registro das ações educacionais e culturais com essxs jovens, pois identificamos como maioria sendo moradorxs de periferias urbanas que fazem parte de um grupo social que vive uma batalha cotidiana pela sobrevivência na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. No entanto, mesmo diante do reconhecimento de ausências como saneamento básico, condições adequadas de moradia, equipamentos de esporte e lazer, atendimento médico, creches e escolas públicas de qualidade, fenômeno denominado por Bourdieu (1997) de “efeitos do lugar”. Parece importante na lógica do deslocamento, das outras possibilidades de entendimento, a visibilidade das ações dos sujeitos envolvidos com as juventudes no contexto educativo, e de como podem produzir a potência com xs jovens das periferias urbanas. Nesse sentido, esse projeto pretende articular conhecimentos e trabalhos a partir e com as juventudes das periferias nos campos da cultura e da educação, entre professores-pesquisadores e discentes das universidades e professores e alunxs jovens da educação básica, além de movimentos sociais e organizações governamentais e não governamentais que lidam com as discussões das juventudes das nossas periferias urbanas, desse modo é um projeto que se insere no campo da Educação Popular.

Palavras-chave: Juventude e periferia; Espaços educativos; Trajetórias populares.

EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA: INTERSECÇÕES E PERSPECTIVAS.

Valéria Oliveira de Vasconcelos (UNISAL)
valvasc2013@gmail.com
Fabiana Rodrigues de Sousa (UNISAL)
fabiana.sante@am.unisal.br

Nos últimos anos vimos nos debruçando em estudos e investigações com vistas a compreender com maior profundidade quais são as principais premissas teóricas que denotem intersecções entre a Educação Popular e a Educação Sociocomunitária. Em princípio, entendemos que os sujeitos sociais com quem desenvolvemos nossas pesquisas e práticas são aquelas pessoas cuja terminologia vai se diferenciar em função dos aportes teóricos em que nos pautemos, sejam elas: em situação de vulnerabilidade social, pertencentes às classes subalternas, os oprimidos, os *esfarrapados do mundo*, os *condenados da terra*. Identificamos a práxis como amálgama entre essas duas práticas educativas, uma vez que ambas postulam uma atividade transformadora tanto da natureza quanto da relação entre seres humanos que, ao transformá-la, produzem e transformam a si mesmos. Desde nossa perspectiva entendemos os processos de *aprender-e-ensinar e ensinar-e-aprender* como indissociáveis e essa é uma das fundações tanto de uma como de outra práxis educativa. Ademais, vislumbramos esse processo como eminentemente libertador e emancipador, erigido sobre uma profunda fé no ser humano, que na Educação Popular traduz-se em *amorosidade* e na Educação Sociocomunitária em *amorevolezza*. O amor, em ambos os casos, não é o amor piegas, romântico, adulador, mas sim aquele que se efetiva na comunhão, no respeito mútuo, na busca coletiva pela humanização. E essa humanização se constrói na partilha, na confiança e na horizontalidade do diálogo, diálogo esse entendido como encontro dos seres humanos para pronunciar o mundo, para dizer a sua palavra. O diálogo se dá entre, com, ao lado das pessoas, em sua inteireza, mediado pelo mundo que as e nos cerca. Nesse sentido, em nosso grupo temos trabalhado com homens e mulheres, partindo de metodologias participativas e abordando diferentes temáticas, com distintos enfoques, sempre sedimentadas nessas premissas colocadas anteriormente. Entre as áreas de pesquisa, ação e formação estão: educação ambiental; educação escolar (com perspectivas diversas: assembleias de classe, educação infantil, ensino de Química, educação anti-especista, formação de professores, avaliação, entre

outras); educação, alfabetização e linguagens; educação e prostituição; educação, gênero e sexualidade; educação de jovens e adultos; educação e juventudes; educação musical; educação profissional; educação das relações étnico raciais; educação de populações tradicionais; educação e Saúde; educação e Serviço Social; todas elas tendo a Educação Popular como alicerce central, em interlocução com a Educação Sociocomunitária. Resumidamente poderíamos atestar que nosso trabalho no grupo vem sendo desenvolvido sob a expressão “Educação Popular e...”. Assim, esse espaço vem se consolidando como profícua oportunidade para problematizações e fortalecimento da Educação Popular no Ensino Superior, articulando organicamente processos de ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Educação Popular; Educação Sociocomunitária; Ensino Superior.

As vozes da juventude

Reinaldo Matias Fleuri (UNIRIO)

rfleuri@gmail.com

Marta Olmo Extremera (UNIRIO)

olmoextremera@gmail.com

No Brasil vivemos um intenso processo de mudanças político-sociais-culturais e étnico-raciais, resultantes de guerras híbridas promovidas pelo imperialismo no contexto internacional. A colonialidade é intensificada e, paradoxalmente, acirram-se múltiplos processos de resistência. Nesse panorama, em diálogo com seis grupos de pós-graduandos em educação da Unirio, estamos buscando entender novas perspectivas de educação popular, tecidas pelos movimentos sociais como respostas às tensões enfrentadas pelas múltiplas lutas nos atravessam! Os integrantes do G1, seguindo Quijano, consideram que a colonialidade do poder e do saber, do ser e do viver resultam das violências perpetradas pelos processos de colonização. Neste contexto, dispositivos éticos e epistêmicos decoloniais podem ser reconstruídos pela organização dos "condenados da terra" (Fanon). Paulo Freire e bell hooks, entre outros, nos fornecem importantes chaves interpretativas para pensarmos no papel da educação numa perspectiva decolonial. Nesta direção, o G2 traz a história de Beatriz – uma jovem negra do subúrbio do Rio de Janeiro, aprovada em Medicina da UFRJ com nota mil na Redação do ENEM – e observam, de pontos de vista decoloniais, os processos de resistências cotidianas das juventudes brasileiras e exploram diferentes situações de resistência juvenil na e pela educação, na esperança de que, "um dia, o jovem, no Brasil, seja levado a sério". Outras formas de resistências são estudadas pelos integrantes do G3, que focalizam a participação das crianças pequenas em uma escola pública de educação infantil, práticas de mediação crítica em museus e reflexões acerca do viés colonizador de políticas educacionais, vinculadas a avaliações externas como o PISA, da OCDE. Os integrantes do G4 entendem a inclusão em educação como processo de luta contra as exclusões. Nesta perspectiva discutem as políticas curriculares nacionais, a organização da educação especial no sistema de ensino brasileiro e suas possíveis conjecturas nos diferentes contextos escolares. Essa perspectiva de educação inclusiva se entrelaça com a proposta de educação integral e em tempo integral. Esta se

constrói, no ponto de vista do G5, a partir do diálogo com a comunidade escolar e a sociedade, resistindo aos currículos tradicionais engessados e adaptados para cada conteúdo. Igualmente defende a relação entre as disciplinas e o desenvolvimento do currículo comum, interligado com as múltiplas linguagens. A resistência em defesa da educação democrática e popular ocorre com o rompimento das barreiras digitais e pelo diálogo com os movimentos sociais.

Palavras-chave: Decolonialidade; Resistências; Educação Inclusiva**.**

DIÁLOGOS SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR

Marcia Soares de Alvarenga (FFP/UERJ- PPGEdu/Vozes da Educação)
e-mail: msalvarenga@uol.com.br
Adalberto de Moraes Gomes Filho (FFP/UERJ-PPGEdu; SME NIterói/Vozes da Educação)
adalbertogfilho@uol.com.br
Ana Carolina Cruz (FFP/UERJ/Vozes da Educação)
anasbcruz@gmail.com
Antonio Borromeu (FFP/UERJ-PPGEdu e IFMT/Vozes da Educação)
antoniouerjffp@gmail.com
Emanoel Carlos Daflon da Silva (FFP/UERJ/Vozes da Educação)
emanoelsoc@hotmail.com
Grasiele Ribeiro (FFP-UERJ-PPGEDu)
glsiribeiro@bol.com.br
Guilherme Figueiredo de Souza (FFP/UERJ-PIBIC/CNPq//Vozes da Educação)
figueiredosouzagui@gmail.com
Juliana Oliveira Galvão (FFP/UERJ/Vozes da Educação)
julianaolivergalvao@gmail.com
Lohana Antunes (FFP/UERJ/Vozes da Educação)
lohana_antunes200@hotmail.com
Tamyres Athayde Buckzinski (FFP/UERJ/Vozes da Educação)
tamyresbuczynski@gmail.com
Thais Alves de Souza (FFP/UERJ-PIBIC/CNPq/Vozes da Educação)
tata-29ads@gmail.com
Thiago Dutra (FFP/UERJ/Vozes da Educação)
thiago.dutra86@gmail.com

As desigualdades educacionais materializam a dinâmica da produção das desigualdades sociais, importando em contínuas análises que problematizam a relação entre Estado, Sociedade e Educação. Nesta tríade, estudar políticas públicas educacionais, demanda

uma abordagem teórico-metodológica que se realiza a partir de leituras e análises da realidade compreendida como síntese de múltiplas determinações. O desafio em promover o diálogo com e entre jovens pesquisadores/as que participam do grupo de pesquisa "Políticas públicas e educação de jovens e adultos da classe trabalhadora" (PPEJAT), vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação, se traduz em esforços investigativos para fazermos aproximações entre objetos de pesquisas, cujas abordagens teórico- metodológicas são orientadas pela inquietude de interrogar as tensões entre estrutura e conjuntura deflagradas pelas lutas sociais agenciadas, constrangidas e/ou confrontadas por sujeitos sociais em diferentes contextos. As pesquisas compartilhadas reafirmam que, diferentemente da República Velha constituída pelas oligarquias agroexportadoras, o Brasil de hoje é urbano, porém sem ter rompido com o modelo de desenvolvimento desigual capitalista que ao combinar, contraditoriamente, o arcaico e o moderno produz desigualdades sociais como composição orgânica da qual se sustenta, reproduz e acumula o capital. A despeito das desigualdades que se multiplicam e se diversificam nas esferas da produção e acumulação de bens simbólicos e econômicos, no limite da exclusão destes bens e das reações do conservadorismo e suas pautas regressivas de direitos sociais, temos visto (re)criações de modos de resistências produzidas pelos sujeitos. Nesse sentido, as pesquisas em diálogo nos avivam sobre as lutas sociais no Brasil contemporâneo que, residual ou em seu conjunto, tomam a forma de uma espiral crescente e complexa graças às estratégias (re)inventadas por homens, mulheres, crianças, jovens e adultos na mobilização de energias criativas que embalam seus projetos de vida. Os desafios postos aos pesquisadores para realizar leituras compreensivas com vistas à educação popular, já haviam ocupado o pensamento de autores no campo da Teoria Crítica afirmando a necessidade de construirmos, junto aos subalternos/oprimidos, um outro projeto de sociedade para que, sabedores que somos de nossa condição, possamos coletivamente nos educar, coletivamente nos formar para sermos sujeitos da história e não oprimidos da/pela história. Ao receber diferentes e diversas acepções ao longo dos anos, a Educação Popular adquiriu um repertório conceitual que evidencia a repercussão de sua produção social e histórica por conta das lutas libertárias ocorridas no país durante as primeiras décadas do século XX. É desse modo, que a Educação Popular se configura e reconfigura nas dinâmicas dos movimentos pelo direito à educação e se constitui, não somente enquanto um capítulo do processo de educação direcionado para as classes populares (já que ao longo da história da educação fora adquirindo diferentes conceituações e (re)criando-se em metodologias, pedagogias, materiais didáticos

próprios), mas, sobretudo, como uma concepção de mundo. Os movimentos por um outro projeto societário tensionam campos abertos por uma educação voltada para a formação humana que coloque os sujeitos no centro das políticas públicas inscritas pelos e com os movimentos sociais. Nesta perspectiva, os projetos em diálogo no Vozes da Educação, e em particular no grupo de pesquisa PPEJAT, tem se pautado na Educação Popular enquanto campo de conhecimento e prática educativa que ultrapasse os muros da escola de jovens e adultos trabalhadores orientada pelos princípios da educação crítica popular.

Palavras-chave: Políticas Públicas; Educação de Jovens e Adultos; Educação Popular.

A PARTICIPAÇÃO COMO PRINCÍPIO PEDAGÓGICO E INVESTIGATIVO NA ELABORAÇÃO DO ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR MUNICIPAL

Sandro de Castro Pitano **(**Universidade Federal de Pelotas)

scpitano@gmail.com

Rosa Elena Noal (Universidade Federal de Pelotas)

rosa.noal@gmail.com

O projeto visa à elaboração participativa do atlas geográfico escolar de Arroio do Padre, pequeno município emancipado de Pelotas no ano de 1997, localizado na mesorregião sudeste do Rio Grande do Sul. O atlas permitirá que sejam reunidas, de maneira clara e objetiva, informações fundamentais sobre os aspectos físicos, humanos e econômicos do município ao longo de sua breve história, proporcionando à rede de ensino um suporte didático articulado aos processos de ensinar e aprender a Geografia local. Embora seja reconhecida a relevância do produto final – o atlas, ressaltamos o fundamento participativo, ancorado na educação popular e no pensamento de Paulo Freire, que permeia o desenvolvimento do processo desde o início. Balizado pela participação, prioriza a dimensão pedagógica juntamente com a construção do conhecimento científico. Desenvolvida em atenção à demanda manifestada por professoras e professores em exercício nas escolas do município, a pesquisa se aproxima da perspectiva metodológica da investigação-ação, pois atende a uma lacuna explicitada pelos próprios sujeitos. Voltando-se para uma carência histórica da prática profissional no Ensino Fundamental, principalmente nos anos inicias, o projeto busca promover, de forma concomitante, pesquisa científica, formação de professores e produção de material didático. Por isso, acredita-se que a metodologia participante embasada no pensamento freireano, sobretudo em seus princípios políticos e pedagógicos, corresponde adequadamente às necessidades e características dessa proposta. A participação, assumida como fundamento metodológico, também possibilita que sejam respeitados os saberes e práticas locais ao longo de todo o trabalho colaborativo, envolvendo professoras e professores da universidade, professoras, professores e gestores das escolas municipais, gestores e

técnicos da Secretaria Municipal de Educação, além de bolsistas de iniciação científica e membros da comunidade local. Estipulou-se uma agenda de reuniões, abertas ao conjunto de sujeitos potencialmente envolvidos, com encontros mensais, realizados em uma escola do município de Arroio do Padre. As reuniões iniciaram no mês de abril de dois mil e dezessete, primeiramente buscando constituir a equipe de trabalho e a dinâmica de ações. Em seguida, estruturou-se um calendário capaz de sistematizar as atividades do projeto, com duração de 24 meses (abril/2017 a março/2019). Como resultados parciais, percebeu-se que, durante os encontros, professores da rede municipal e gestores trouxeram temas a serem inclusos no atlas, os quais não eram significativos para os pesquisadores, alunos e professores da universidade. Como o caso das comunidades religiosas, que deveriam ser contempladas pelo atlas, juntamente com determinados aspectos da cultura pomerana, a qual caracteriza simbólica e materialmente o município. Cabe destacar, também, que os encontros permitiram que aflorassem conflitos que, provavelmente, continuariam silenciados, restritos à esfera subjetiva, sobretudo entre professores, professoras e gestores municipais.

Palavras-chave: Participação; Educação Popular; Atlas escolar.

ENCONTRO DE SABERES: EPISTEMOLOGIAS DE FRONTEIRA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Elaine Monteiro (FEUFF)
elainemonteiro@id.uff.br
Lucia Cavalieri (FEUFF)
cavalierilucia@id.uff.br

Este resumo apresenta o *Encontro de Saberes*, projeto de educação popular que traz para as salas de aula da graduação e da pós-graduação mestres da cultura popular como docentes em universidades, reconhecidos e remunerados como professores doutores visitantes. O *Encontro de Saberes*, proposto em 2010 pelo Instituto Nacional de Ciência, Tecnologia e Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI/UnB/CNPq), traz o potencial transformador das cotas epistêmicas, que definem sua relação com a educação popular. Quase cem anos após o surgimento das primeiras universidades brasileiras, nos governos do Partido dos Trabalhadores (2003 a 2015), assistimos a um importante processo de transformação das nossas Instituições de Ensino Superior (IES) com a implantação de *cotas raciais*, a culminar com a aprovação da Lei 12.711/2012 (*lei de cotas).* Dados do IBGE (2015) revelam que o número de estudantes negros de 18 a 24 anos no ensino superior saltou de 16,7% em 2004 para 45,5% em 2014. O percentual de estudantes brancos no ensino superior saltou de 47,2% para 71,4% no mesmo período. Mesmo com o impacto positivo da *lei de cotas* no acesso da população negra ao ensino superior, as desigualdades entre brancos e negros se constituem como uma entre as muitas expressões do racismo estrutural da sociedade brasileira. Relevante foi ainda a aprovação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que, tornando obrigatórios os ensinos de histórias e culturas negras e indígenas, determinaram a reestruturação curricular da formação de professores e a inclusão na universidade de temas ora silenciados ora invisibilizados. As políticas culturais também contribuíram para o diálogo com outras epistemologias, tanto na universidade quanto nas escolas, respondendo a antigas reivindicações dos mestres de verem seus saberes reconhecidos em espaços de formação. As culturas tradicionais estão aptas a construir, em diálogo com a lógica até aqui hegemônica, epistemologias de fronteira. Não basta negros e indígenas nas universidades, é preciso que seus saberes também estejam na universidade. Importa às cotas epistêmicas que outras matrizes de

produção e transmissão de conhecimento sejam reconhecidas na e pela universidade; importa que saberes profundos produzidos pelas comunidades tradicionais, assentados em territórios e transmitidos por meio da oralidade, criem fissuras na estrutura da universidade eurocêntrica, branca, racista, machista e colonial. Isso permite às IES reconhecerem que a complexidade da produção do conhecimento também se faz presente em outras matrizes epistemológicas, nas quais a experiência ganha centralidade. O *Encontro de Saberes* está presente em mais de dez IES, e na UFF desde 2016. Trata-se de um projeto de ensino ancorado em projetos de pesquisa e de extensão. A ideia das cotas epistêmicas e do reconhecimento dos mestres da cultura como docentes aponta para novos paradigmas nas IES públicas: *epistemologias de fronteira* que radicalizam a educação a educação popular.

Palavras-chave: Encontro de Saberes; Epistemologia; Educação Popular.

A PRÁTICA DA EXTENSÃO POPULAR EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A FORMAÇÃO DE EDUCADORAS/ES AMBIENTAIS

Tiago Zanquêta de Souza (UFSCar/Uniube)
tiago.zanqueta@uniube.br

Apresentamos os resultados de uma pesquisa de doutorado em Educação, vinculada à linha de Práticas Sociais e Processos Educativos da UFSCar e, que tem novo fôlego, vinculada à linha Processos Educacionais e seus Fundamentos, do Programa de Pós-graduação em Educação da Uniube. A pesquisa teve como prática social a Extensão Popular em Educação Ambiental, desenvolvida por um grupo extensionista formado por oito pessoas, vinculadas ao curso de Engenharia Ambiental da Uniube, junto a um grupo de moradoras/es do bairro Vila Esperança II da cidade de Uberaba/MG e frequentadoras/es da Casa Espírita João Urzedo, espaço onde se deu os encontros das/os extensionistas e se constituiu a comunidade de trabalho. Teve como objetivo geral conhecer os processos educativos que propiciaram a formação de engenheiras/os ambientais como educadoras/es ambientais, a partir da prática social anteriormente citada. Optamos pela modalidade de pesquisa qualitativo-descritiva, que se valeu (e ainda vale), quanto aos meios para obtenção de dados, da pesquisa de campo, por meio de registro em diários de campo. Para análise dos dados, lançamos mão da análise de conteúdo. A partir da convergência entre as unidades de registro, foram elaboradas as categorias iniciais, intermediárias e finais, sendo essas últimas, objeto de análise e intepretação final na tese. As categorias finais I – A comunidade de trabalho em diálogo e II – A formação de educadoras/es ambientais, surgiram a partir do momento que compreendemos o diálogo como elemento estruturante da prática social da Extensão Popular em Educação Ambiental Popular, realizada na e com a comunidade de trabalho. Não cabe apenas ao campo da Educação Ambiental Popular, enquanto orientação teórico-prática do grupo extensionista, o desenvolvimento da consciência crítica, que só é atingida porque é forjada na convivência, a partir de um diálogo comunicativo, que alimenta a esperança e encaminha para a superação do que entendemos como situações-limites. A prática social da extensão popular constitui um caminho que potencializa, por meio do arcabouço teórico da Educação Ambiental Popular, a efetivação de uma comunidade de trabalho que se sustentou e tem se sustentado na convivência, por meio de um processo dialógico que encaminha para o exercício da alteridade, da autonomia, do enfrentamento do medo, da

tentativa de exercitar o poder obediencial, do estabelecimento da confiança que, mesmo lentamente, é estruturada no respeito e na amorosidade. O quem somos foi/é forjado a partir dessa comunidade de trabalho e os processos educativos inerentes à prática social observada, que se dá na e com a comunidade de trabalho, são relativos ao que-fazer em torno das situações-limites que se apresentaram. Aprender a confiar, a ousar, a comunicar, a dialogar, a enfrentar, a empoderar, a superar a ingenuidade da consciência é permeado por processos que educam as pessoas envolvidas, de modo a encaminhá-las no sentido da construção de um conhecimento conversitário, que potencializa projetos emancipatórios, sustentando a função social da universidade. Desse modo, entendemos que não promovemos uma instrução para as pessoas, mas construímos conhecimentos com elas, colaborando para a formação coletiva de educadoras/es ambientais, de modo a buscar por condições dignas de vida, alimentando a possibilidade de afirmação de identidades, o que constitui uma das marcas da participação das classes populares nos movimentos da cotidianidade vivente.

Palavras-chaves: Processos educativos; Extensão Popular; Educação Ambiental.

GEFEL: A LUTA PELO DIREITO DE AUTORIA NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Margarida dos Santos (CAp-ISERJ/CAp-UERJ)

igasantos@hotmail.com

Ana Paula Venâncio (CAp-ISERJ)

anapaulavenancioafrica@gmail.com

Daniel Oliveira (SME-RJ)

profoliveira.d@gmail.com

Joana Braz

zuleia39@gmail.com

Marlucia da Costa (SME - Belford Roxo)

dmarlucia60@gmail.com

Sabrina Guedes (SME-RJ)

sabrinaguedes@gmail.com

Zilda Chaves (CAp-ISERJ)

zildachaves@bol.com.br

Renata Alves (CAp-ISERJ)

renataalvessmartins@gmail.com

Este texto é uma narrativa que afirma a existência *de* professoras e professores que se desafiam a repensar coletivamente as suas práticas alfabetizadoras no chão de cada Escola Básica. Embora o discurso oficial tenha sido eficiente na tarefa de divulgar o chão da escola como lugar árido, contribuindo, assim, para fragilizar a vida que teimosamente insiste em brotar, o GEFEL- Grupo de Estudos e Formação de Escritores e Leitores vem resistindo e se constituindo nas e através de redes colaborativas. Há 22 anos, o grupo tem contado com a colaboração de pesquisadoras/res ligadas a algumas universidades públicas brasileiras, comprometidas com a construção da escola pública de qualidade para todos/as. Mulheres e homens que vêm aprendendo e ensinando a compreender o cotidiano escolar como *espaço tempo* de possibilidades. Trabalhadoras e trabalhadoras da educação

que insistem em lutar para tecer saberes docente a favor da VIDA na escola pública. Para nós, participar do GEFEL é *trocar sonhos que podem ser concretizados. Trocar experiências que devem ser compartilhadas. Um pertencimento a algo que sem dúvida podemos chamar grupo. Um grupo que tenta não estabelecer verdades, mas sim refletir sobre a prática. Ao discutir a vivência da sala de aula, tem-se uma aproximação dos teóricos, o que leva a uma reorganização do trabalho analisado. É a partir de e durante esse discutir que percebemos o outro como parceiro constante.* Somos docentes que buscam na articulação *pratica-teoria-pratica a* possibilidade *de* construir **co**letivamente práticas alfabetizadoras mais favoráveis ao processo de aprendizagem das filhas e filhos da classe trabalhadora. O que querem as professoras e os professores? Lutar pelo direito de serem autoras e autores de suas práticas pedagógicas junto a seus alunos e alunas. Ampliar o estudo, a investigação, a reflexão e a criação de práticas mais favoráveis à formação de meninas e meninos *autoconfiantes e capazes de ler criticamente a palavra do outro e a escrever criativamente a sua própria palavra (GARCIA, 2001).* Antes e para além do primeiro ano de escolaridade do Ensino Fundamental. Para tanto, militamos, cotidianamente, em suas salas para transformar a escola pública num espaço de qualidade para Todos. Enquanto militamos tecemos saberes, porque acreditamos que *"só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (FREIRE, 1987*)" Saberes necessários a um melhor exercício da docência. Saberes tecidos no rico e tenso processo de *aprenderensinar (ALVES, 2000*) meninos e meninas das classes populares. Saberes que têm nos possibilitado compreender e reconhecer a docência enquanto um lugar de construção coletiva e fortalecimento da autoria das práticas pedagógicas alternativas ao modelo hegemônico de ensino aprendizagem, especialmente no campo da formação continuada de professoras e professores alfabetizadores. A *experiência* no/do GEFEL se constitui em mais um movimento instituinte na Educação Básica do ISERJ- Instituto Superior Educação do Rio de Janeiro, envolvendo diferentes instituições e níveis de ensino. Ações docentes como a do GEFEL nos convidam a pensar qual é o lugar da prática na formação de si e do outro? Qual a importância dos saberes e conhecimentos construídos no exercício da docência de professoras e professores da Educação Básica?

Palavras-chave: Saber docente; Práticas alfabetizadoras; Educação Básica.

EDUCAÇÃO, TRABALHO ASSOCIADO E (DES)COLONIALIDADE: ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS DO CENTRO DE FORMAÇÃO E APOIO A ASSESSORIA TÉCNICA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA DA REGIÃO SUL DO BRASIL (CFES REGIONAL SUL)

Telmo Adams (PPGEdu-Unisinos)
adams.telmo@gmail.com
Luciane R. F. Pielke (PPGEdu-Unisinos)
lucianekatu@gmail.com

A pesquisa desenvolvida de 2014-2018, teve como objetivo acompanhar, por meio da metodologia participativa, as concepções metodológicas e contribuições das práticas de formação em economia solidária desenvolvidas pelo Centro de Formação em Economia Solidária/Sul (CFES/Sul) em sua segunda edição. Buscou-se avaliar o alcance desta política pública financiada pelo MDS por meio da SENAES/MTE e executada pelo Centro de Capacitação e Assessoria – CAMP, de Porto Alegre. O programa desenvolveu atividades de educação e assessoria técnica nos três Estados do sul do Brasil. Com base na (des)colonialidade crítica problematiza-se o paradigma atual de vida em sociedade, em sintonia com as concepções de trabalho e educação presentes no movimento nacional de Economia Solidária (EcoSol). A organização produtiva de trabalhadores/as na EcoSol vem se constituindo como uma das possíveis tendências em curso no complexo contexto das "metamorfoses" do mundo do trabalho e que apresenta tensões entre as dimensões ético-política e técnico-produtiva. A partir desta questão orientadora, o foco foi a sistematização do processo, bem como a avaliação posterior dos seus resultados (fase atual até o final de 2018). Houve acompanhamento das atividades realizadas no decorrer do desenvolvimento do programa de formação. Concomitantemente foram realizados estudos teóricos e metodológicos sobre as temáticas do trabalho associado, educação popular, desenvolvimento territorial, questões de gênero, políticas públicas de educação voltadas para a EcoSol. Entre as conclusões, destacam-se a ampliação do processo formativo individual e, direta ou indiretamente, dos distintos coletivos ou organizações. A reflexão compreensiva aponta para uma apropriação pelos participantes de elementos essenciais do processo dialógico e problematização crítica resultante da prática da educação popular recriada coletivamente nesses espaços de formação. Persiste, contudo, a exigência de superar contradições relacionadas com a articulação entre teoria e prática

e entre a viabilidade econômica dos empreendimentos e a perspectiva transformadora, em sintonia com a dinâmica mais ampla dos movimentos sociais. Em síntese, apesar de pontuais avanços nos governos Lula e Dilma, em termos de ampliação de programas de educação profissional e tecnológica e de diversas políticas sociais articuladas com uma qualificação profissional básica, permanece o desafio de construção de políticas estruturantes, que garantam uma continuidade para além políticas de governo. Quais as possibilidades das práticas educativas populares identificadas como uma pedagogia da autogestão ou autogestão da pedagogia no CFES/Sul se firmarem na EcoSol, independentemente de continuar ou não uma política pública?

Palavras-chave: Educação Popular; Trabalho Associado; CFES/Sul.

A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO POPULAR NOS PROCESSOS FORMATIVOS DA PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR – PJMP

Carlos César de Oliveira (FFP/UERJ)

carlosoliveira.prof@gmail.com

Os processos formativos porque passamos influenciam na constituição da nossa identidade, ao contribuírem para que possamos assumir uma condição de sujeitos sociais capazes de questionar e intervir na realidade à fim de transformá-la. Fundamentados no diálogo, na solidariedade humana, na troca de saberes e na cultura popular, a educação se tece na medida em que desenvolve ações fincados na realidade. É inserido nesta realidade que um jovem filho de trabalhadores do campo se torna educador e, defendendo uma educação para as classes populares, assume o compromisso com a pesquisa em questão. Trata-se de um sujeito, educado no campo, que através das experiências formativas constrói a sua emancipação, compreendendo sempre a sua condição de aprendente – seja como educando, educador ou pesquisador. Com esse pensamento a pesquisa começa a ser pensada ao levar em consideração as inquietudes sobre o que é a educação popular e como ela pode influenciar nos processos formativos de uma pastoral de juventude, especificamente, do meio popular. Estariam as ações pedagógicas desenvolvidas por essa pastoral fundamentadas da pedagogia freireana, tendo em vista que ela nasce em Recife-PE dez anos após a publicação da Pedagogia do Oprimido? Qual o propósito dessa pastoral ao determinar que o seu campo de ação é a 'juventude do meio popular'? Qual a relevância dos processos formativos desenvolvidos pela a PJMP para a construção de relações sociais mais humanizadas, nas Comunidades Eclesiais de Base – CEB's, na escola, no trabalho, nos sindicatos, nos movimentos sociais ou nos partidos políticos? As questões elencadas têm como propósito apresentar elementos que retratem os espaços de formação e, a partir de então, analisar os seus processos formativos e que influência a educação popular exerce sobre eles. Pretendemos, ainda, identificar a possível aproximação entre a metodologia utilizada pela pastoral e o pensamento freireano, tendo em vista que assim como o autor a PJMP defende a ideia de uma educação como prática libertadora, ao acompanhar os princípios que norteia a Teologia da Libertação. No âmbito da ação, essa pastoral desponta como um espaço onde a juventude é estimulada a assumir

o seu protagonismo na sociedade, ocupando novos espaços de luta e resistência, especialmente na área social e na educação. Neste sentido, a pesquisa consiste numa ação reflexiva acerca dos desses espaços formativos, levando em consideração um recorte temporal. Significa dizer que a investigação terá como foco algumas ações realizadas no ano de 2018, ano em que PJMP faz 40 anos no Brasil. Com um enfoque qualitativo, o procedimento metodológico envolverá a participação nesses espaços de formação, no sentido de observar e relatar as ações realizadas. Constitui uma possibilidade de construção de um diálogo entre as/os jovens da PJMP, por meio de suas experiências formativas, e estudiosos da educação popular, como Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Conceição Paludo, Danilo Streck, Reinaldo Fleuri, Maria Teresa Esteban e Maria Tereza Goudard Tavares. Face a isso, será uma experiência inserida no contexto formativo que fomentará o diálogo entre o ambiente acadêmico e o meio popular.

Palavras-chaves: Educação Popular; Processos formativos; Juventude.

REDEALE E FORMAÇÃO ENTRE PARES: INTERLOCUÇÕES COM REDE E COLETIVOS DOCENTES DA AMÉRICA LATINA

Mairce da Silva Araujo (FFP-UERJ/REDEALE)
mairce@hotmail.com
Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (FFP-UERJ/REDEALE)
jacquelinemorias@hotmail.com

O Grupo de estudos e pesquisa *Rede de docentes que estudam e narram sobre infância, alfabetização, leitura e escrita*- REDEALE, foi constituído em 2015, na Faculdade de Formação de Professores, vinculado ao Grupo Vozes da Educação: memória, história e formação de professores a partir da articulação de dois grupos de pesquisa – Alfabetização, Memória e Formação de Professores - ALMEF, coordenado por Mairce Araújo e Grupo de Pesquisa e Estudos Alfabetização, Leitura e Escrita -GPALE, coordenado por Jacqueline Morais. O impulso para criação do REDEALE teve como motivação o diálogo com a "*Red iberoamericana de colectivos y redes de maestros que hacen innovación e investigación desde la escuela y la comunidade*", movimento pedagógico que transcendendo fronteiras de países da Latinoamérica e da Espanha vem construindo propostas educativas e pedagógicas contra-hegemônicas às políticas educativas impostas por exigências neoliberais dos organismos internacionais. Em interlocução com tais redes vimos tecendo reflexões e questionamentos a cerca do *saberfazer* docente produzido como coletivo. Tendo como aporte teórico metodológico os estudos autobiográficos e as pesquisas *com* o cotidiano e reconhecendo-se como espaço investigativo-formativo, vimos compartilhando experiências docentes na educação infantil e na alfabetização, com vistas a construção de epistemologias emancipatórias, de perspectivas interculturais, na formação entre pares. Tal processo já possibilitou ao grupo a interlocução com México, Colômbia, Argentina e Peru, com a participação na organização de eventos e a apresentação de trabalhos em parceria , bem a publicação de um livro com autoras Brasileiras e peruanas de duas redes de professores/as latino-americanos/as: Redeale, localizada no Rio de Janeiro, Brasil, e Colectivo Peruano de Docentes y Redes que Hacen Investigación e Innovación desde su Escuela y Comunidad (Coprediec), situada em Cajamarca, Peru. O grupo é constituído por professoras doutoras do Mestrado em Educação: processos formativos e desigualdades

sociais, mestrandas e mestres, professoras da rede pública de educação infantil, professoras da rede pública, estudantes de iniciação científica. A pesquisa vem buscando discutir os limites e possibilidades da construção de uma pedagogia contra-hegemônica, emancipadora e decolonial, fruto de um movimento dialógico que articula escola, universidade e comunidade. Esse tem sido um dos objetivos a nos mobilizar para a realização de encontros entre redes de docentes na América Latina, às quais filiamos. Nossa apresentação pretende compartir os percursos que resultaram de nossas ações no Redeale.

Palavras-chave: Formação entre pares; Coletivos docentes; Alfabetização.

DIÁLOGOS NOTURNOS NA UERJ-FFP: ENCONTROS E DESENCONTROS DE PESQUISAS ENVOLVENDO INFÂNCIA(S), PAULO FREIRE E O DIREITO À EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Adrielle Lisboa (UERJ-FFP)
driellelisboa@gmail.com
Débora Assumpção dos Santos Rodrigues (UERJ-FFP)
deboraassumpcaorj@gmail.com
Heloisa Josiele Santos Carreiro (UERJ-FFP)
helo.carreiro.uerj.ffp@gmail.com
Keila Maria de Araujo Silva (UERJ-FFP)
keila@fau.ufrj.br
Maria Tereza Goudard Tavares (UERJ-FFP)
mtgtavares@yahoo.com.br

O resumo nasceu de encontros e desencontros entre algumas pesquisas que quinzenalmente se reúnem no *Grupo de Estudos e Pesquisa da(s) infância(s), formação de professores(as) e diversidade cultural*. Muitas são as pesquisas que neste grupo dialogam com o legado de Freire, com alguns dos conceitos centrais de sua obra: *educação popular, relação opressor e oprimido, diálogo, educação dialógica/ problematizadora, práxis pedagógicas, inéditos viáveis, relação entre educador e educando, alfabetização e sua relação com a leitura de mundo, a importância da pergunta e a compreensão de que as respostas são provisórias, a concepção de inacabamento humano, a concepção de que educar é um ato político, a concepção de que ensinar não é transferir conhecimento, o conceito de autonomia e reflexões sobre a consciência ingênua e consciência crítica*. Apresentamos algumas das pesquisas que investigam as seguintes temáticas: a)organização de rotinas na Educação Infantil e os desafios que envolvem os diálogos entre adultos e crianças; b)educação popular em favelas e o direito à educação; c)o pré-vestibular Popular Pedro Pomar e sua trajetória de lutas pelo direito à educação de jovens das camadas populares; d)movimentos sociais populares e lutas por creches; e)as crianças e exercícios de diálogos com as políticas públicas e; f) políticas públicas de expansão da Educação Infantil. Embora, o legado de Freire seja bastante divulgado no meio acadêmico (inter)nacional, nossos encontros noturnos têm nos levado à compreensão de que suas obras e os conceitos que as mesmas albergam, não são profundamente estudados em nossa própria instituição, tanto na

formação inicial quanto nos cursos de pós-graduação. Deste modo, reconhecemos que muitas *professoras-pesquisadoras* que atuam na Educação Básica e dão continuidade a sua formação inicial em cursos de pós-graduação e de extensão e/ou através do envolvimento em grupos de pesquisa precisam aprofundar a leitura de Freire e de alguns de seus conceitos centrais. Nesta perspectiva, procuramos no grupo de pesquisa, aprofundar conceitos, que tomados como ferramentas epistêmicas e metodológicas, podem produzir intervenções educativas, políticas e sociais, afetando nossas concepções educativas e se tornando parte de nossa práxis pedagógica no movimento de pesquisa. Assim, nossas pesquisas vêm, coletivamente, se aproveitando dos encontros noturnos do Grupo de Pesquisa na UERJ-FFP para aprofundar o estudo de alguns conceitos de Freire, pensando-os como inéditos viável, enfrentando as fragilidades e a condição de inacabamento de nossa formação. Nossas pesquisas se encontram principalmente, a partir do conceito de *diálogo*, *educação popular*, *relação entre educador e educando*, *alfabetização e leitura de mundo*, *a pergunta como motor reflexivo* e, a máxima de que *educar é um ato político*, a medida que o processo educativo nunca é neutro, nos colocando sempre na defesa e/ou no embate de posições que reivindicam posicionamentos políticos e epistêmicos.

Palavras-chaves: Formação de Professores; Educação Infantil; Pesquisa-intervenção.

GRUPO DE PESQUISA PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS[1]

Maria Waldenez de Oliveira (UFSCar)

waldenezoliveira@gmail.com

Valéria Oliveira Vasconcelos (UNISAL)

valvasc2013@gmail.com

Fabiana Rodrigues de Sousa (UNISAL/UFSCar)

bianalhp@gmail.com

Luciana Cristina Godoy Zotelli (UNISAL/UFSCar)

lucianna.crgodoy@gmail.com

Tiago Zanquêta de Souza (UNIUBE/UFSCar)

tiago.zanqueta@gmail.com

Criado e registrado em 1997 no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, o Grupo de Pesquisa "Práticas Sociais e Processos Educativos" dedica-se ao estudo e práticas sociais situadas em ambientes não escolares e escolares e os seus processos educativos. Busca significados construídos em perspectivas de pessoas, grupos populares, desvelando conhecimentos, atitudes, relações entre diferentes grupos sociais para compreensão de práticas sociais próprias à América Latina, à sociedade brasileira, no sentido da descolonização, lançando mão de metodologias dialógicas. Trabalha com aportes teóricos advindos da Educação, Educação popular, Educação das relações étnico-raciais, Educação de jovens e adultos, Artes, Saúde e da Pedagogia e Filosofia da Libertação. Tem investigado nas temáticas de: educação popular; direitos humanos; gênero; movimentos e ações sociais; formação de professores e educadores sociais; combate a preconceitos, discriminações, racismo; ações de educação musical com crianças, jovens e adultos, grupos familiares e comprometimento social na convivência por meio da música; saúde e fortalecimento de comunidades; educação de jovens e adultos em situação de restrição e privação de liberdade; educação e cultura de comunidades ribeirinhas; educação do campo. Conta atualmente com 10 pesquisadores e pesquisadoras e 44 estudantes de mestrado e doutorado. Vem realizando suas pesquisas em 4 Linhas de Pesquisa: 1)**EDUCAÇÃO, PARTICIPAÇÃO, DIREITOS E SAÚDE.**

[1]Mais informações sobre o grupo de Pesquisa PSPE, bem como suas produções, podem ser encontradas no endereço eletrônico: http://www.processoseducativos.ufscar.br/

Objetivo: Realizar estudos transdisciplinares a fim de ampliar a compreensão dos processos educativos nas e para as comunidades e suas relações com a saúde. Realizar estudos sobre a abordagem de educação popular na educação em e entre comunidades. Desenvolver estratégias de participação e controle social. Investigar o processo de formação e atuação de educadores comunitários. 2) **COMBATE À PRÁTICA DO RACISMO E A OUTRAS DISCRIMINAÇÕES NA EDUCAÇÃO. Objetivo:** Avaliar pedagogias que visem combater a prática do racismo e outras discriminações. Dialogar com pedagogias correntes na educação brasileira. Identificar, coletar e interpretar permanências do pensamento africano entre os afro-brasileiros, com vistas a elaboração de referências teóricas de raíz africana para a educação brasileira. 3) **PRÁTICAS SOCIAIS, CULTURAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL. Objetivo:** Identificar, descrever e analisar processos educativos na área de Educação Musical, de forma a ampliar as oportunidades de uso da música para formação do cidadão. 4) **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM REGIME DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE. Objetivos:** Esta linha de pesquisa privilegia a abordagem da Educação de Jovens e Adultos com enfoque em processos educativos para jovens em cumprimento de medidas sócio-educativas e restrição de liberdade e de pessoas adultas em situação de privação de liberdade.

Palavras-chave: Processos Educativos; Pedagogia e Filosofia da Libertação.

(DES)COLONIALIDADE DO SER/PODER/SABER NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: sistematização de uma experiência.

Cheron Zanini Moretti (Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC)

cheron.moretti@gmail.com;cheron@unisc.br

O Grupo de Pesquisa "Educação Popular, Metodologias Participativas e Estudos Descoloniais" (UNISC) tem como objetivo compreender, através da pluralidade de sujeitos e das suas experiências, a construção de alternativas educativas, epistemológicas e metodológicas a partir do popular. Foi criado em 2017 e inscrito na plataforma do Diretório Nacional de Grupos de Pesquisas do CNPq, em 2018. A sua origem está no diálogo e na experiência de pesquisa no GP "Mediações Pedagógicas e Cidadania", coordenado por Danilo R. Streck (UNISINOS). Os grupos mantém diálogo e relação orgânica a partir de seus integrantes e focos de investigação. Para esse seminário, apresento reflexões que são parte do processo inicial de sistematização da experiência da pedagogia da alternância na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC), no momento em que se completam 10 anos de atividades no Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul. Os/As educandos/as são oriundos de 11 municípios dessa região, correspondendo a aproximadamente 100 comunidades de camponeses/as. Durante um ano letivo são realizados 20 encontros na escola e outros 20 nas pequenas propriedades familiares. Buscamos compreender as relações (des)coloniais do ser/poder/saber na alternância entre "tempo-espaço-escola" e "tempo-espaço-comunidade" como experiência pedagógica. Política e pedagogicamente, a pesquisa está apoiada em princípios da educação popular. Metodologicamente, na sistematização de experiências envolvendo a participação direta dos povos do campo e a ação através da constituição de um observatório da educação do campo. A Pedagogia da Alternância (PA) articula prática e teoria num movimento permanente que consiste na valorização dos saberes populares e dos conhecimentos científicos em diferentes situações de ensino-aprendizagem, em especial, escolares e de trabalho produtivo. Partir da realidade, da experiência concreta do trabalho e das reflexões das relações nele estabelecidas, aproxima o movimento pela educação no/do campo e reafirma os/as camponeses/as como sujeitos de suas próprias histórias. Analisando as produções acadêmicas que relacionam a Pedagogia da Alternância com as Escolas Famílias Agrícolas, no Rio Grande do Sul, à luz de uma

compreensão freireana sobre educação popular, pudemos identificar alguns aspectos: 1) toda educação é política, é pronúncia de mundo; 2) quem ensina, aprende; quem aprende, ensina: o diálogo; 3) na do-discência se encontram possibilidades emancipatórias. Nesse momento, estamos identificando os *processos e produtos centrados nos sujeitos* (documentos que orientam o trabalho político-pedagógico); os *elementos produzidos pelo meio dos sujeitos* (instrumentos pedagógicos); e, os *processos e produtos originados pela estrutura-sócio-econômica e cultural do macroorganismo social do sujeito* (leitura da realidade).

Palavras-Chaves: (Des)Colonialidade; Pedagogia da Alternância; Experiência.

LIBERDADE E LIBERTAÇÃO

Kelma F. Beltrão de Souza (Fac. I. de Vitória de Santo Antão/PE e UFPE)
beltraokelma@yahoo.com.br
Maria Helena M. de Albuquerque (Prefeitura do Recife e Universidade A. de Assunción)
helenaalbuquerque3@gmail.com

Quais os caminhos percorridos por Freire diante dos significados de liberdade e libertação na constituição da Pedagogia do Oprimido? Essa é a questão principal que norteia este texto, pois, na nossa compreensão, Freire mostra timidamente as diferenças entre esses conceitos. Nosso propósito é tentar entender o uso desses conceitos em Freire, especialmente em meados de 1960, na elaboração de sua pedagogia, que rapidamente se tornou um dos pilares da Educação Popular no Brasil. Como a forma como Freire tematiza (opções e significados) esses conceitos não nos parece muito clara, pensamos que ele fora levado (cronologicamente, em seus escritos) a direcionar sua pedagogia para a ideia de "prática para libertação", preterindo, de certa forma, o termo liberdade. Posto isso, achamos necessário revisitar algumas escolhas de Freire sobre aqueles dois conceitos. No nosso entendimento, Freire pretere a noção de liberdade tal como trabalhada por Erich Fromm, mas não a abandona por completo. Ele ainda toma em consideração o que Fromm chamou de "liberdade negativa". Nossa intenção neste texto é saber como e por que Freire vai transitando da liberdade dita para ideia de libertação, acrescentando, nesta transição, elementos vindos do marxismo. Para falar sobre liberdade e libertação em Paulo Freire, priorizamos primariamente os escritos Educação como Prática da Liberdade e Pedagogia do Oprimido, produzidos respectivamente em 1965 e 1967. Secundariamente, usamos outros textos dele e alguns estudos que discutem suas ideias. Pensamos que a discussão de tais conceitos, diante do cenário político atual, e especialmente diante das celebrações em torno dos cinquenta anos da Pedagogia do Oprimido, podem repercutir entre aqueles que têm a Educação Popular como campo de seus estudos e preocupações.

Palavras-chave: Liberdade; Libertação; Oprimido.